

MICROSCÓPIO

RAUL PILA 5.X.48

Apesar de vitoriosa, encontra-se a França em situação mui semelhante à da Alemanha depois da guerra de 1914. Apanhada no entrecchoque dos extremismos, talvez não possa fugir às garras de um deles. A presente crise política francesa, em que alguns espíritos superficialíssimos querem ver os efeitos do parlamentarismo, quando éle é, em verdade, quem a está itenuando, a presente crise nada mais é serão a expressão desta luta feroz entre duas tendências extremas e igualmente detestáveis. E', por certo, económico o seu fundamento, provém ella directamente do enorme desgaste da guerra, mas são os "gaullistas" e os comunistas os que, com os olhos fitos na tomada do poder, a estão exacerbando, em vez de procurar resolvê-la.

Análogo aos de Hitler e Mussolini, após a primeira conflagração, está sendo o papel do general De Gaulle, após a segunda. Cega-o a obsessão do poder, que, como sempre, se disfarça com o pretexto da salvação da pátria, cuja liberdade ninguém mais que o pretenso salvador está ameaçando.

Não creio que ainda se possam nutrir dúvidas a respeito da inspiração e dos objetivos do general francês. Estão à mostra: no momento em que todas as forças democráticas se unem para fazer face à demagogia comunista, favoreça-a, agrava-a a demagogia "gaullista". Como na Alemanha antes da ascensão de Hitler, comunistas e fascistas colaboram agora, em França, na destruição da democracia. Mas preciso não era esperar tanto, para conhecer a De Gaulle. Sob a resplendente armadura do herói nacional, há muito se podia ver o cesarista.

Para o comprovar, citarei trechos de passados comentários meus. Em maio de 1944, há mais de quatro anos, dizia eu o propósito dos casos Giraud e Pucheu: "Fui dos que, em De Gaulle, viram a incarnação do espírito imortal da França. Mas, a pouco e pouco, foi-se desenhando claramente o homem que estava por trás do símbolo. Espírito ambicioso, violento e reaccionário, que um momento de feia intuição pusera em singular evidência, por ter sabido confiar na capacidade de resistência da Inglaterra quando tudo parecia perdido, julgou-se, por isto, com direito ao senhorio de sua pátria acorrentada, ensanguentada, exangue. Todo o seu comportamento decorre naturalmente desta convicção, ou, melhor, desta ambição. A sua luta com Giraud foi o melhor dos reativos para lhe definir o carácter. Postos ambos em pé de igualdade no seio do "Comité", não descansou elle enquanto não afastou do governo o suposto rival, dando-lhe o comando supremo das forças combatentes da França. Finalmente, senhor do poder político, jácil foi a De Gaulle extinguir o comando militar de Giraud, oferecendo-lhe por compensação um posto simplesmente honorário, que foi dignamente recusado".

O que então poderia parecer juízo temerário, está hoje plenamente confirmado, para quem tenha olhos de ver. De Gaulle está querendo representar o papel de Napoleão em pleno século XX.